

LIVRO DIDÁTICO, BNCC, INDÚSTRIA CULTURAL E AS DESIGUALDADES “RACIAIS”: INSTRUMENTOS A SERVIÇO DA SEMIFORMAÇÃO

Crisley de Souza Almeida Santana¹
Christian Muleka Mwewa²

Eixo 1 – Formação docente, políticas educacionais e práticas educativas

Resumo: A crítica a Base Nacional Comum Curricular- Educação (BNCC-EI) vem sendo levantada neste trabalho no que concerne às relações raciais e por entender que a escola deve oferecer possibilidades para a emancipação das crianças, presas aos moldes da sociedade capitalista e “colonialista”, faz necessário refletir sobre como os livros didáticos embasados na BNCC estão apresentando suas imagens e as propostas de atividades na Educação Infantil e como a indústria cultural através desse instrumento opera negativamente nas questões “raciais”. Na análise crítica sobre a BNCC-EI em seus campos de experiências, temáticas como as questões “raciais” deveriam ter sido contemplados tendo como princípio a “consciência verdadeira” e não superficialmente como foi definido. Nesse contexto, faz necessário estabelecer o diálogo entre o livro didático e a indústria cultural, uma vez que esse instrumento está sendo compreendido como mercadoria da indústria cultural. Cada mercadoria se explicita de forma única, como se fosse elaborada com o objetivo de emancipação.

Palavras-chave: Educação Infantil; Livro didático; Indústria Cultural.

Introdução

No ano de 2017 homologou-se o documento Base Nacional Comum (BNCC) que estava previsto na legislação e que tem trazido impacto real para as ações realizadas na Educação Infantil. Embora seja um documento que tem sua validade bastante questionada no meio acadêmico, é preciso considerar a importância de sua análise pelo fato de estar sendo utilizado pelas secretarias de educação durante as formações continuadas de seus profissionais e na organização do trabalho a ser realizado.

O fato é que este documento mais recente da política curricular tem sido encarado como aquele que deve ser obrigatoriamente observado na elaboração e na implementação de currículos das redes públicas e privadas, urbanas e rurais, sendo considerado como referência para a sua formulação. Como o foco deste trabalho é a Educação Infantil, à abordagem do documento foi feita em relação a essa primeira etapa da Educação Básica.

Nessa reflexão, os sujeitos não são seu foco principal, passam falsamente essa sensação, acarretando na vida dos sujeitos um espírito alienado, neste caso, o livro didático, por meio de uma fala midiática capaz de enfraquecer o pensamento próprio, consequentemente o empobrecimento das experiências e da cultura. A mercadoria estrutura a indústria cultural, elo da produção capitalista, devido à “transformação de todos os produtos da atividade humana em mercadorias só se concretizou com a emergência da sociedade industrial” (Horkheimer, 2002, p. 48).

Diante dessa alienação, os produtos culturais padronizados pela indústria cultural não estimulam a criação, o conteúdo e a forma. A forma está na “apresentação do livro (aspecto físico, suas gravuras, o método de apresentação escolhido, a forma de

¹ Acadêmica do curso de Doutorado, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Participante do Grupo de Pesquisa Eduforp.

² Doutor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientador do Grupo de Pesquisa- Eduforp.

programação do e do aprendizado, o tom confidencial das instruções etc.” (Freitag, 1993, p. 85). Ainda que, dominantes essas atribuições da indústria cultural, não podemos deixar de ressaltar a força do pensamento crítico como diz Adorno (1995), que o poder está na possibilidade de questionar, duvidar e refletir. Esses quesitos que são ofuscados pela indústria cultural são possíveis de serem adquiridos na medida que a força do pensamento crítico do esclarecimento, são realizados quando os sujeitos são capazes de pensar sua própria condição, compreendendo as maneiras de alienação e dominação.

Nesse contexto, a educação em teoria crítica, ao estabelecer esses pilares, no sentido de proporcionar a reflexão crítica dos produtos culturais, contextos, subjetividades, as escolas, por mais divergente que sejam, são espaços fortes, para essa reflexão crítica, aptos a dedicar tempo para a formação cultural de valores, desde a primeira infância. Para atingir esse propósito, comprehende-se que desvendar a indústria cultural e suas ideologias, nos livros didáticos é essencial para uma educação emancipatória. Diante disso, como mencionado anteriormente, o livro didático por ser considerado mercadoria, sendo um valor de troca que garante o lucro e favorece o enriquecimento das pessoas que estão por trás desse processo, a escola na aceitação dos valores ideológicos que estão ali embutidos, torna-se um instrumento de massificação. “A educação deformada em mercadoria, transforma-se em semieducção” (Freitag, 1987, p. 65).

No livro didático, a semiformação³ pode ser visto na superficialidade das atividades propostas, nas imagens, mensagens publicitárias, no caso em discussão, as questões raciais podem aparecer nas relações de poder desiguais, determinando o lugar de cada grupo, mantendo as relações de superioridade e o ocultamento das diferenças. Além disso, a padronização de um livro para outro, das atividades, imagens, pode ser produzida de forma normatizada, desconsiderando o potencial criativo. Marcuse (1982) explicita que com a produção e o crescimento e a oferta em grande escala, o sistema define o produto e as maneiras de manutenção e ampliação. Essa padronização de organização apresenta-se nos livros didáticos de Educação Infantil, na qual articulados com a BNCC-EI, promovem a massificação e a uniformização.

O apaziguamento das diferenças raciais nos livros didáticos ancorados na BNCC

Faria (1989) argumenta que os livros didáticos são elaborados somente para os interesses das classes dominantes e não para as crianças das diferentes classes sociais e “raciais”. Corroborando com a autora, o livro didático admite as desigualdades em algumas situações, mas não apresenta, pois pressupõe que a criança não tem capacidade para a compreensão de tais conhecimentos. Esse tipo de pensamento conduz o sujeito, gradualmente desde tenra idade a semiformação, por direcionar o trabalho do professor e o aprendizado das crianças. Diante dessa padronização, tanto estéticos e pedagógicos, o conhecimento acaba acontecendo de forma repetitiva e automática e as experiências que são abordadas na BNCC-EI se tornam engessadas diante de tais conhecimentos.

O livro didático produz uma série de técnicas de aprendizagem: exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim, as tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou na maior parte das vezes, para a retenção dos conteúdos. Sua tendência é de ser um objeto padronizado, com pouco espaço para textos originais, condicionando formatos e linguagens, com interferências múltiplas em

³ De acordo com Adorno (2010) a Semiformação é uma falsa formação, uma formação incompleta.

seu processo de elaboração associadas a lógica da mercantilização e das formas de consumo (Bittencourt, 1998, p. 72-73).

Percebe-se que essa padronização é determinada pela reiteração dos bens culturais, pois como a indústria cultural dita a direção que deve ser percorrido, o livro didático, quando não questionado, afasta as crianças do exercício da autorreflexão crítica. Assim, tais culturas impulsionam as crianças a situações de semiformação, diante da imposição de enaltecer uma identidade coletiva com a qual todos se sintam “iguais”. Nesse caminho, é possível imaginar o que acontece com as crianças que não se enquadram nas normas e valores dessa uniformização. Além disso, a força que esse instrumento exerce nas escolas, sendo uma das fontes principais de conhecimento, o livro didático ao relatar atividades e enunciados como vamos pensar já infere a concepção que as crianças não são competentes de responder tais indagações essas sugestões contidas nas atividades propostas determina as condições do processo de ensino, uma vez que, no guia do professor, demonstra como as atividades propostas devem ser trabalhadas, sendo assim um instrumento de valores, culturas e ideologia.

Outro fator que merece ser discutido são as atividades propostas para a Educação Infantil, pois a maioria das vezes não condiz com a vida cotidiana, ou seja, não estimam suas experiências, necessidades e desejos, sem contar que frequentemente as referências de infâncias expostas nos livros são sempre privilegiando as crianças brancas. Como a formação cultural é imprescindível desde a educação infantil o livro didático necessita priorizar em suas propostas, reflexões que proporcionem as crianças formação humana como pilar para a desbarbarização.

Nesse sentido, comprehende-se o livro didático sendo um recurso que possibilita a inserção das crianças no mundo social e cultural, sendo um condutor de verdades elaboradas que dificilmente são questionadas e, por consequência, pouco a pouco, empobrece a capacidade de a criança refletir sobre os processos formativos, culturais que está inserida. No seio desse pensamento, na qual esse instrumento pode ser considerado um elemento da cultura escolar “[...] na medida em que simboliza uma construção cultural, estrutura o ato do conhecimento, materializa a relação pedagógica e configura o campo epistemológico-pedagógico da cultura escolar” (Magalhães, 2006, p. 8).

Diante dessas reflexões, analisar o livro didático da Educação Infantil em consonância com a BNCC-EI numa postura crítica, não se limita a olhá-lo de maneira isolada, apenas em suas singularidades, desgarrado ao seu contexto social, pelo contrário, esses instrumentos necessitam ser entendido dentro de uma dinâmica dialética, das relações sociais, culturais, uma vez que estão em frequentes conflitos e transformações. Dentro desse pensamento crítico, Adorno (2009), ao contrapor-se a objetividade e neutralidade dos conceitos, relações sociais, teoria, buscando mostrar as ambiguidades e ideologias, a cultura foi discutida pelo autor sob bases históricas e sociais bem fundamentadas, provocando assim reflexões que levam a questionar que cultura estamos inseridos e se de fato existe cultura, uma vez que ela está deturpada.

As concepções sobre cultura exposta pelo autor auxiliam no entendimento da teoria crítica no sentido de perceber as modificações dentro da dinâmica social, na qual contém um conjunto de inquietações e indagações, sendo um dos seus principais objetivos desenvolver a crítica imanente.

Para a crítica imanente, uma formação bem sucedida não é, contudo, aquela que reconcilia as contradições objetivas no engodo da harmonia, mas sim a que exprime negativamente a ideia de harmonia,

ao marcar as contradições pura e inflexivelmente, na sua mais intima estrutura (Adorno, 1986, p. 89).

Ampliar a crítica imanente com a intenção de desvelar o que permanece escondido na tensão entre o que se propaga e o que é existente, para então, compreender a sociedade, são princípios do estudo da Teoria Crítica Frankfurtiana.

Através dessas reflexões, os questionamentos surgidos sobre as imagens nos livros didáticos da Educação Infantil embasados na BNCC- EI, funda-se no que Adorno (1995) diz sobre as imagens:

[...] seria preciso estudar o que as crianças hoje em dia não conseguem mais aprender: o indescritível empobrecimento do repertorio de imagens, da riqueza de imagines sem a qual elas crescem, o empobrecimento da linguagem e de toda a expressão (Adorno, 1995, p. 146).

Essa dedicação do autor com a semiformação pelas imagens, neste caso, contidas no livro didático necessita de constantes exercícios para a compreensão dos contextos, significados e (im)possibilidades formativas que perpassam as imagens, para além dos cenários aparentes.

Considerações Finais

Assim, tendo como referência a crítica imanente, os procedimentos teóricos metodológicos estão ancorados na análise do conteúdo, tendo como base os estudos realizados por Adorno, os quais não se detêm as questões e métodos técnicos, pelo contrário, trata-se de não engessar o objeto e nem a visão do pesquisador diante do imenso conjunto de contradições e ações. Nesse caminho, a educação deve indagar os conceitos e modelos pedagógicos idealizados que camuflam e impossibilita o reconhecimento das contradições. Assim, o livro didático alinhado a BNCC-EI torna-se não somente o foco, mas origem de problematização que, por intermédio da análise crítica dos conteúdos imagéticos, permitem outras formas de ver, refletir e compreendê-los.

Referências

- ADORNO, T. Sociologia. In: COHN, Gabriel (Org.). São Paulo: Ática, 1986.
- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruchel. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ADORNO, T. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B; A. ZUIN, A. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BITTENCOURT, C. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base**. Brasília: MEC; CONSED; UNDIME, 2017.

FARIA, A. L. **Ideologia no livro didático**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAG, B. **Política educacional e indústria cultural**. São Paulo: Cortez, 1987.

FREITAG, B. et al. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1993.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

MAGALHÃES, J. O manual escolar no quadro da história cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal. **Sísifo – Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, v.1, p. 5-14, 2006

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.